

**Estou falando sozinho: nem com vocês, nem com o Outro, estou falando sozinho**

**Texto de desanolamento do Cartel *Estou Falando com as Paredes*.**

**Jornada de Cartéis 2023.**

**Jane Margareth Moreira de Carvalho**

Sendo o inconsciente um efeito da cadeia de significantes, não é possível deixar de pensar no sujeito como efeito de uma cadeia de identificações, de ligações, de enganchamentos, de encontros com o Outro numa relação que, no cartel, se traduz por transferência de trabalho, sem a qual não há produção de um resto.

Evidentemente, esse resto não abarca a experiência vivida em toda sua abrangência, resumindo-se apenas a fragmentos de um liame coletivo que ressoam na hiância particular de cada cartelando(a), como produto remanescente da tarefa executada nesse dispositivo de formação do psicanalista. Além disso, transformar os ecos dessa jornada num texto escrito não é tarefa fácil, pois exige um mergulho em conjecturas sobre a estrutura, natureza e princípios do funcionamento de um cartel.

Essa escrita, portanto, envolve um tentar localizar, minimamente, o bem fundado dessa experiência num mar de linguagem que dá a impressão de ser o capitão a reger o destino dessa navegação. O que nos diz Lacan, cruamente, é que nenhum aparelho doutrinário, por mais oportuno que seja à direção do trabalho de cartéis, pode pressupor conclusões acerca de seu resto, fruto singular do percurso de cada um, na sua relação com os textos, a análise pessoal e a supervisão. (Lacan, 2003, p. 242)

De maneira que as cogitações aqui apresentadas apontam na direção de uma dinâmica libidinal intangível entre o antes e o depois, *situada numa*

*modulação do tempo: entre o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir* essa tarefa. Seguindo a trilha de Lacan em *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*, pode-se intuir que, nesse tempo, *o depois se fez de antecâmara para que o antes pudesse tomar seu lugar*. Talvez, esse movimento tenha sido causado por um certo tipo de ignorância apaixonada, cuja *asserção da certeza antecipada* desvelava que aí havia alguma coisa a aprofundar, a partir de uma elaboração inicial, apoiada numa Escola de Psicanálise. (Lacan, 1998, p. 197-204).

Tomando a Escola como experiência inaugural da sua relação com o ensino da psicanálise, Lacan destaca que esse ensino *só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho*. Assim, em junho de 1964, no Ato de fundação da Escola Freudiana de Paris, introduz o cartel como base de compromisso com a formação do analista. De modo que a entrada na Escola se dá mediante a execução de uma tarefa realizada em cartel. (Lacan, 2003, p. 229-242)

Visando garantir o bem-fundado dessa experiência, Lacan determina três características essenciais: primeira, o cartel deve ser constituído por escolha mútua dos membros, onde cabe a cada um *cumprir uma tarefa sujeita a controle interno e externo*; segunda, o pequeno grupo deve ser composto *de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida, MAIS UM encarregado da seleção, da discussão e do destino reservado ao trabalho de cada um*; terceira, o funcionamento desse dispositivo deve se dar segundo uma *organização circular* firmada numa experiência singular, que não implica, *de modo algum, uma hierarquia de cima para baixo*. (Lacan, 2003, p. 229-230)

O Ato de Lacan busca meios de abrir caminho, para formular problemas urgentes sobre questões cruciais da didática, mirando na recondução dos

psicanalistas da época ao ofício genuíno da psicanálise, tal como instituída por Freud. Além disso, tem a função de denunciar desvios praticados por instituições psicanalíticas, cujo controle provinha de um consentimento obsoleto dos pares fundamentado numa relação de analistas privilegiados, chamada por Lacan de *a lista*. Segundo critérios lacanianos, é impossível concordar com regras que amortecem e degradam o progresso da psicanálise, pois o essencial das próprias condições da análise a ser empreendida, bem como da análise em curso, *é que o analisante seja livre para escolher seu analista* (Lacan, 2003, p. 239).

Seguindo o rastro dessa asserção, o cartelando também deve ser livre para escolher o cartel que mais lhe convém, pelas vias da transferência, com o tema e/ou com o trabalho de seus pares. Assim, a escolha desse cartel foi impulsionada pela transferência de trabalho com uma das cartelandas que compunham o pequeno grupo, além da transferência com o tema, por associar-se à queixa de uma paciente sobre a atitude do marido nas conversas do casal, *... ele não me escuta, é como se eu estivesse falando com as paredes* (sic).

Apesar de tudo isso, no primeiro encontro parecia que nunca fizera parte de um cartel, tal era a estranha sensação de borboletas revoando na barriga. Freud (1919) toma um termo conceitual peculiar da estética, traduzido como o *estranho* ou o *inquietante*, para revelar num belo texto a causa desse sentimento de estranheza nos seres humanos, em situações que oscilam entre o que é desconhecido e, ao mesmo tempo, familiar. Entretanto, à medida que o cartel foi se consolidando o núcleo dessa sensibilidade foi se dissipando.

Após um certo tempo, algumas particularidades vieram à tona como, por exemplo, o fato de duas das cartelandas residirem em Curitiba e as outras três em cidades distintas do interior do estado. Quem sabe, inicialmente, isso tenha

passado em branco pelo anolamento do cartel ter ocorrido em plena pandemia de Covid 19, período em que foi prescrito o isolamento social como medida de contenção do contágio. Frente a esse real, todos os encontros foram remotos.

Curiosamente, ninguém se apresentou como MAIS-UMA desse cartel. Muito pelo contrário, esse lugar vazio parece haver sido preenchido, pouco a pouco, pelo nome de Lacan, ao redor do qual se executava a tarefa. Ao final, considerou-se que esse nome atuou como objeto causa de desejo, impulsionando o bem fundado dessa experiência, pois é um nome que não responde do lugar de mestre.

Assim, durante dois anos, o cartel circulou, linha a linha, pelas páginas do livro homônimo ao seu tema, guiado pela fala de ensino do Lacan aos internos em psiquiatria, nos espaços vazios circundados pelas paredes da Capela de Sainte-Anne. Raramente, alguém faltava aos encontros quase sagrados no início das tardes de quinta-feira, onde as discussões giravam em torno de temas espinhosos, como saber, ignorância, verdade, gozo, incompreensão, entre outros.

Comumente, o interesse se desviava da fonte principal para outras referências, na tentativa de desvendar certos mistérios, como no caso do termo *ignorância douta*, criado pelo cardeal Nicolau de Cusa, no século XV. Tecendo elogios a esse conceito, por referir-se ao *saber mais elevado provido pela teoria do conhecimento*, Lacan critica severamente a estagnação dos psicanalistas numa certa base do saber, anos após a sua formulação exaustiva da causa do *não saber* como *base* da psicanálise. (Lacan, 2011, p. 13) Lacan (2011, p.17) já havia articulado a dobradiça entre verdade e não saber, para provar que *se a verdade não é o saber, é que ela é o não saber*; para esclarecer que a questão do analista se funda na base do não saber:

*Se o inconsciente é algo de surpreendente, é porque esse saber é outra coisa. Esse saber, temos uma ideia dele desde sempre, aliás, bem-infundada, uma vez que evocamos a inspiração, o entusiasmo. O saber não-sabido de que se trata na psicanálise é um saber que efetivamente se articula, que é estruturado como uma linguagem (Lacan, 2011, p. 23)*

Entretanto, essa linguagem não é qualquer uma, mas aquela constituída pela *alingua (linguagem particular do inconsciente infantil)*, tal que a função da fala no campo da linguagem é da ordem da incompreensão, do gozo, da castração. Porque sempre se perde algo na linguagem, ela é incompleta, de modo que não se pode dizer tudo! Metaforicamente, essa incompreensão se aproxima de um campo magnético, tão real, quanto o choque do inocente que tocar uma raia-elétrica, e depois que a toca cai duro. Não tem acerto! (Lacan, 2011, p. 56)

No início da parte III de *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan (1998, p. 290) acolhe uma epígrafe do gênero trocadilho que aparece como um fio na sopa dessa história:

*Entre o homem e a mulher*

*Há o amor*

*Entre o homem e o amor*

*Há o mundo*

*Entre o homem e o mundo*

*Há um muro*

Eis aí o *muro de linguagem* responsável pela incompreensão ou impossibilidade da transmissão integral da verdade em questão na psicanálise. *A verdade em questão na psicanálise é aquilo que, por meio da linguagem,*

*quer dizer, pela função da fala, aproxima-se de um real.* (Lacan, 2011, p. 56)

Sendo assim, a transmissão da psicanálise não se dá do lugar do analista, mas da posição de analisante, de quem não compreende alguma coisa, pois a função da fala no campo da linguagem está subjugada aos mandos e desmandos do inconsciente. Para Lacan (2011, p. 58), *é somente da fala que provém o gozo; a psicanálise nos confronta, com o fato de que tudo depende desse ponto-pivô chamado gozo sexual.* É o que Lacan enuncia quando diz que:

*[...] não há relação sexual para os seres que falam. Por quê? Porque a sua fala, tal como funciona, depende, é condicionada como fala por isto: a relação sexual, muito precisamente, como fala, é proibida de funcionar aí de algum modo que permita dar conta dela.* (Lacan, 2011, p. 57)

Mais, ainda, tendo em vista a primazia do inconsciente, numa das suas três conversas com os internos em psiquiatria, Lacan identifica como ato falho sua intenção antecipada de falar com psiquiatras e não apenas com internos. Essa formação do inconsciente o faz se dar conta da sua verdade. A estranha sensação de estar falando com as paredes da capela de Sainte-Anne, que o acompanhou nas três conversas que compõem o livro base desse cartel, enunciava o muro de linguagem presente na relação com outros sentidos que reeditavam um tempo anterior bastante significativo no presente do acontecimento. Não era com as paredes da capela que falava, mas com as paredes do seu próprio passado. Isso o leva a concluir que *as paredes são feitas para circundar um vazio*, pois enquanto interno em psiquiatria, sempre se sentiu falando com as paredes do hospital. (Lacan, 2011, p. 80).

Esse insight lacaniano abre brechas para a possibilidade de

desencadeamento do processo de significação de outros sentidos para o significante - parede, até então, congelado no passado, como no caso clínico citado, um caso enigmático, em função da extensão e riqueza de sintomas apresentados. Afinal, em busca de que tipo de cura um sujeito vai ao encontro do analista? Provavelmente, estaria esperando uma “transferência” do lugar onde se encontra, para que outro lugar? Que tipo de suplência estaria buscando? Que terreno seria esse?

Nas palavras de Lacan, seria um terreno movediço. *O saber do analista a respeito da verdade do analisante, sobre o qual repousam os fenômenos da transferência, é pressuposto, duvidoso.* Em certos momentos da experiência psicanalítica, quando o analista quase chega a tocar na fala do analisando ao receber dela o instrumento, o enquadre, o material e até o pano de fundo de suas incertezas, vindo o *objeto* a ocupar o lugar do semblante, ainda, trata-se de terreno movediço. (Lacan, 1998, p. 497 / Lacan, 2011, p. 45 - 63).

Do mesmo modo, a sensação de pisar em terreno movediço prevalece no momento de concluir esse desanolamento, em função do luto desencadeado diante do rompimento dos sólidos laços que atuaram como elos de sustentação da transferência de trabalho, na árdua tarefa desempenhada nos dois últimos anos. Se a produção desse resto, à princípio, projetada como um objetivo ambicioso, não foi além do mais grosseiro esboço em torno de temas espinhosos, foi porque houve castração no cartel, na análise pessoal e na supervisão. Se desdobramentos inimagináveis tornaram possível a evolução do caso clínico, causa de desejo desse cartel, sem dúvida, foi em efeito do entrelaçamento desses três pilares.

Enfim, se os encontros deste cartel persistiram numa ordem quase sagrada, capaz de produzir um resto singular em cada cartelanda, sem o

esbatimento da potência produtiva das outras, esse foi o resgate possível desse passo da minha formação. Se falando não se consegue dizer tudo, escrevendo, é pior.

### **Referências bibliográficas**

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos** / Jacques Lacan; tradução: Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In: **Outros Escritos** / Jacques Lacan; [tradução: Vera Ribeiro; versão final Angelita Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Lacan, J. (2011). **Estou falando com as paredes**: conversas na Capela de Sainte-Anne / Jacques Lacan; tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica: Romildo do Rego Barros; [coleção dirigida por Jacques-Alain e Judith Miller; assessoria brasileira: Angelita Harari]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

.